

De repente, 4.0?

**12 tendências da comunicação
no pós pandemia**

**Faculdade Cásper Líbero
Centro Interdisciplinar de Pesquisa**

SUMÁRIO

Apresentação pensando ao vivo, enquanto nos adaptamos ao incerto e construímos o novo	04	8. Arte e resistência multimídia Cândida Almeida	26
12 tendências para a comunicação	06	9. Dados abertos e transparência Jefferson Mariano	28
1. O essencial da presença Luis Mauro Sá Martino	12	10. Lives vieram para ficar Fabio Ciquini	30
2. O fortalecimento do jornalismo profissional Tatiana Ferraz	14	11. Hibridização do “Real” com o “virtual” Pedro Nogueira	32
3. Entretenimento remoto Helena Jacob	16	12. Algoritimização da vida Eduardo Nunomura	34
4. Educação com sentido e presença ressignificada Rodrigo Ratier	18		
5. Streaming domina a cena Marcio Rodrigo	20		
6. Uma nova consciência Tiago Mota	22		
7. A inovação será desacelerada Michelle Prazeres	24		

ORGANIZAÇÃO

MICHELLE PRAZERES

DIAGRAMAÇÃO

AMANDA FRANCO

EDIÇÃO

EDUARDO NUNOMURA, MICHELLE PRAZERES E
RODRIGO RATIER (CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE PESQUISA E NÚCLEO EDITORIAL DA
FACULDADE CÁSPER LÍBERO).

REPÓRTERES

AMANDA FRANCO
ANA CAROLINA NAVARRO
ENZO VOLPE CARREIRA
RENAN LIMA

Em função do isolamento social determinado pela pandemia do novo coronavírus, a Faculdade Cásper Líbero idealizou uma série de iniciativas para estabelecer reflexões e diálogos sobre o futuro da comunicação.

No campo da divulgação científica, o projeto “o futuro da comunicação pós-pandemia” articulou o Centro Interdisciplinar de Pesquisas e as revistas Esquinas e Cásper, do Núcleo Editorial, vinculado à Coordenação do curso de Jornalismo.

O projeto buscou refletir sobre as questões apresentadas ao universo da Comunicação a partir de diálogos com professores(as) pesquisadores(as) da Faculdade Cásper Líbero.

Foram realizadas 12 conversas de cerca de uma hora de duração entre os meses de maio e junho de 2020. De cada uma delas, foi possível extrair pelo menos uma tendência para a comunicação pós-pandemia.

Este Ebook tem como objetivo apresentar estas tendências a partir da compilação e da organização das reportagens publicadas na cobertura das conversas ao vivo. Os textos foram reproduzidos na íntegra, portanto, podem fazer menções a datas e acontecimentos do período em questão.

Acreditamos que além de cumprir seu papel na divulgação da produção de conhecimento na Área de Comunicação, com esta obra, a Cásper contribui também para a construção de uma importante memória do pensamento em Comunicação neste momento histórico.

**APOIO DE PRODUÇÃO DAS
CONVERSAS**
THIAGO PANSICA

**PROFESSORES(AS)
ENTREVISTADOS(AS)**
CÂNDIDA ALMEIDA
EDUARDO NUNOMURA
FABIO CIQUINI
HELENA JACOB

JEFFERSON MARIANO
LUIS MAURO SÁ
MARTINO
MARCIO RODRIGO
RIBEIRO
MICHELLE PRAZERES

PEDRO NOGUEIRA
RODRIGO RATIER
TATIANA FERRAZ
TIAGO DA MOTA E SILVA

APRESENTAÇÃO

Pensando ao vivo, enquanto nos adaptamos ao incerto e construímos o novo

MICHELLE PRAZERES

Como no filme “De repente 30” (Gary Winick, 2004, EUA), em que a personagem Jenna Rink (interpretada pela atriz Jennifer Garner), vira adulta de supetão (ela acorda com 30 anos de idade no dia do seu 13º aniversário), nós fomos todos(as) subitamente transportados para uma intensa vida digital no período de isolamento social determinado pela pandemia do novo Coronavírus.

Algumas pessoas e instituições já estavam mais preparados(as), conectados(as) com modos de agir e pensar, plataformas, ferramentas e práticas de última geração que dispõem dos potenciais de interação e inteligência da web 4.0. Outros(as) foram surpreendidos(as) e rapidamente transportados(as) para o universo das telas e interações.

De uma hora para a outra, fomos convidados(as) por uma tragédia humanitária a nos isolarmos fisicamente. E uma das soluções possíveis para a vida seguir foi digitalizar as relações, o trabalho, o entretenimento e transferir para as redes as nossas sociabilidades.

Talvez ainda seja cedo para apontar de modo assertivo as consequências de tudo que estamos atravessando neste “durante” para um provável “depois”. Mas uma parceria do Centro Interdisciplinar de Pesquisa com o Núcleo Editorial da Faculdade Cásper Líbero provocou pensadores(as) da comunicação a refletir em voz alta sobre o que pode se apresentar no futuro da comunicação pós-pandemia em conversas ao vivo (lives) transmitidas pelo Instagram entre Maio de Junho de 2020.

Mesmo enfrentando limitações de um pensar enquanto algo acontece e do refletir de supetão, os(as) professores(as) da Cásper buscaram em suas pesquisas provocações, fundamentos e hipóteses para os possíveis legados deste período para o porvir.

O futuro será sempre um mistério. E nas condições em que nos encontramos, ele fica ainda mais permeado de inseguranças e imprecisões. No entanto, a partir da intensidade tecnológica e comunicacional que vivemos no período de isolamento, nos parece possível uma inflexão: a comunicação,

as tecnologias e os dados estarão no epicentro do movimento desse amanhã que já começou.

Talvez o momento que vivemos, para a comunicação particularmente, tenha sido um acelerador de tendências. Ainda que as “idades da web” não sejam necessariamente “etapas” (pois suas características coexistem na rede com o passar dos tempos), parece possível dizer que deixamos para trás a web 1.0, em que as relações eram de “transmissão”; experimentamos a web 2.0, em que as relações foram de interação; vivemos em voz alta a web 3.0, regulada pelos algoritmos e pela utilização de máquinas para atividades de automação; e talvez tenhamos sido convidados pelas urgências do mundo isolado socialmente a nos preparar com mais agilidade (do que seria o curso natural das coisas) para a Era da mobilidade, da ubiquidade, da inteligência artificial e da internet das coisas.

Apresentamos aqui uma lista de 12 tendências apontadas pelos(as) pesquisadores(as) nas conversas do ciclo “O futuro da comunicação pós-pan-

demia”. Nos capítulos, compilamos os textos dos(as) repórteres para a cobertura de repercussão das conversas, publicadas sempre no dia seguinte de sua realização.

MICHELLE PRAZERES É PROFESSORA DO CURSO DE JORNALISMO E COORDENADORA DO CENTRO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA

12 TENDÊNCIAS PARA A COMUNICAÇÃO

As conversas mapearam rumos possíveis para reflexões e práticas da comunicação em um futuro que parece ter sido catalizado pela pandemia

1. O essencial da presença

O diálogo com o prof. Luis Mauro Sá Martino discutiu a sociabilidade pós-pandemia. “É certo que as curtidas não substituirão os abraços”, ele disse. O contexto da comunicação presencial, ou seja, os olhares, os gestos, as pausas, interferem radicalmente no processo de comunicação, e, privados deles, vamos ter que reaprender a trabalhar, estudar e a nos relacionar de uma forma nova. Por outro lado, ao retomarmos as atividades presenciais, seremos convidados(as) a pensar o que requer realmente a presença e o que pode ser feito remotamente sem que se comprometa o sentido.



2. O fortalecimento do jornalismo profissional

A conversa com a Profa. Tatiana Ferraz girou em torno da importância do jornalismo e da boa informação na “infodemia”, ou seja: uma epidemia de informação de má qualidade. Em um cenário de hiperinformação, intoxicação e desinformação, uma das tendências que podemos apontar é a valorização do jornalismo profissional: “Os profissionais de imprensa são capazes de basear suas reportagens em fontes verificadas, o que dá credibilidade e confiabilidade para a notícia, um antídoto contra as fake news”, disse a professora.



3. Entretenimento remoto

“Jornalistas estão enfrentando o desafio de cobrir fenômenos que estão evoluindo diante de seus olhos”, afirmou a Profa. Helena Jacob. Ela se referia às transformações que vem acontecendo no mundo do entretenimento, que envolve moda, gastronomia, cultura, audiovisual, esportes e outras áreas. Em condição de isolamento, boa parte do entretenimento também foi transferida para a tela. Para Helena, a “ecologia da comunicação só tem a ganhar com a quantidade infinita de questões culturais que se levantam com os novos comportamentos e hábitos de consumo que a pandemia tem imposto à sociedade”. A conversa com a professora foi uma afirmação do entretenimento como “coisa séria”. “Quando nos divertimos estamos em espaço de disputa e recebemos mensagens. Meu lema é: nunca é só entretenimento, sempre há questões profundas envolvidas”, disse.



4. Educação com sentido e presença ressignificada

O Prof. Rodrigo Ratier afirmou que a educação será profundamente transformada pelo que estamos vivendo e que uma aula presencial não vai mais poder ser uma aula sem estar atenta ao que é particular e insubstituível na presença. “O que pode ser repensado para termos uma educação com sentido?”, ele perguntou. Para Ratier, a educação é o lugar da reflexão sobre o mundo que queremos. E enquanto tal, é o campo onde devemos produzir a crítica e o sentido da nossa experiência. “Eu gosto da perspectiva de que todo mundo educa e de que a educação é um processo que nos conecta a sociedade e nos permite modificá-la”, disse Ratier.



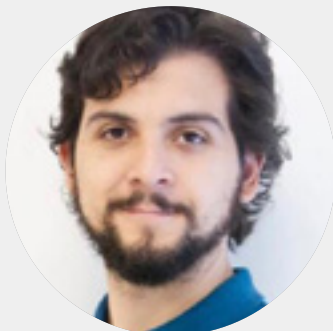
5. Streaming domina a cena

O Prof. Marcio Rodrigo contou que a pandemia deve acelerar ainda mais o já exponencial crescimento da indústria do audiovisual para streaming. A conta não está fechando: a produção paralisou e o consumo – com as pessoas isoladas em casa – disparou. Marcio acredita que o tradicional universo da exibição do audiovisual terá que ceder à pressão do streaming, com a interdição dos cinemas. “Será preocupante para grandes distribuidoras, mas também para pequenos produtores”, disse. As alternativas já começam a emergir com o cinema drive-in e a produção das lives. “A Netflix já anunciou a produção de filmes gravados por celulares para evitar a aglomeração demandada de um set audiovisual”, contou o professor.



6. Uma nova consciência

O Professor Tiago Mota homenageou o filósofo tcheco-brasileiro Villém Flusser na nossa conversa sobre “o que vem depois do fim do mundo”. Partindo da ideia de que “a comunicação é uma rede sentidos que usamos para interpretar a realidade e o conjunto de estratégias para viver junto”, Mota anunciou o nascimento de uma nova consciência a partir deste momento de crise, o que não é, necessariamente, algo positivo. “De uma série de incertezas muito dolorosas do ponto de vista humano, pessoal, social, político e econômico, a comunicação nos ajudará a formar uma nova consciência da realidade”. “Posso me recrudescer e me tornar um retrógrado ou, por meio de diálogos, tentar criar novas ordenações simbólicas”, disse. Para o professor, essa nova consciência passa pelo exercício da solidariedade.



7. A inovação será desacelerada

A Profa Helena Jacob conduziu a conversa comigo, sobre tempo, aceleração e comunicação. A tônica do diálogo foi: isolados em função da pandemia, muitos de nós paramos, mas não desaceleramos, porque além de nos cobrarmos ainda mais produtividade neste momento, transferimos a nossa sociabilidade para as telas, que são engrenagens da vida acelerada. Desacelerar não é ser devagar: “é retomar os sentidos, sair do automático, recobrar nossa humanidade”, expliquei. Nesse sentido, a desaceleração tem a ver com uma tomada de consciência. “É se perguntar quando a velocidade cabe e quando não, o que serve para a comunicação também”. E não precisa ser mais uma pressão na vida de cada um(a), ainda que seja “a única saída que nos resta como humanidade”. Gosto da ideia de que a inovação será humana e, portanto, desacelerada.



8. Resistência multimídia

A Profa. Cândida Almeida afirmou a importância da contribuição da arte para o momento que enfrentamos. Por um lado, as pessoas estão se apoiando na arte como forma de recobrar as forças para um período tão delicado. Por outro, com a digitalização da vida, “há movimentos independentes que ganham fôlego e começam a ter uma divisão mais democrática desses espaços”. Mas não é toda live que é arte. Para a professora, se a arte não provocar, ela não aconteceu. “Ela pode até se projetar como arte, mas não é”, explicou. E sem contato físico, existe arte? Para cândida, as telas não vão substituir a presença, mas novas mídias podem potencializar a arte. “Um exemplo são as projeções feitas em edifícios em forma de mensagens ou artes estáticas e até mini-produções visuais”. Todas estas formas de criar vão coexistir em um mundo pós-pandemia.

9. Dados abertos e transparência

O professor Jefferson Mariano falou sobre a importância dos dados para a produção da boa informação. Ele problematizou a descontinuidade na produção de dados oficiais e a impossibilidade de se produzir séries temporais quando os governos limitam ou impedem o trabalho dos órgãos de pesquisa. “Não adianta produzir informações que não vão servir para o exercício pleno da cidadania. A gente conta com os profissionais da área de comunicação para que a informação chegue até nos lugares mais distantes do País”, disse.

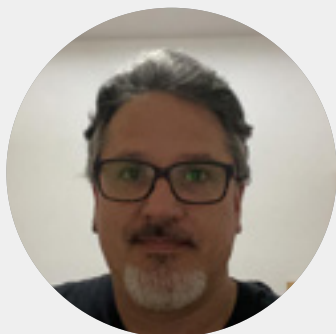


10. Lives vieram para ficar

A metalive “Como as lives nos olham?”, com o professor Fabio Ciquini, tratou da superexposição da intimidade (ou extimidade) no formato de transmissões ao vivo, que se popularizou no período de isolamento social. “As lives tentam trazer à tela uma performatividade do sujeito com a espetacularização da intimidade que esgarça as fronteiras entre o público e o privado”, explicou Ciquini. O professor problematizou o fato de as lives de entretenimento serem produzidas para parecerem casuais. “Toda imagem é uma encenação”, alertou. Deste modo, as lives nos olham com um olhar tripló: o da compra e venda; o da homogeneização da subjetividade; e o paradoxal, entre a megalomania e a despreensão. Para Ciquini, “há uma intensificação [deste formato] que tende a continuar. Num momento pós-pandemia o que as pessoas mais desejam é o encontro, o contato, mas acho que as lives vieram para ficar”.



11. Hibridização do “Real” com o “virtual”



A interação é o “entre” da comunicação: foi o que me contou o Prof. Pedro Nogueira. Porque ela acontece em algum espaço entre o polo de emissão e o polo de recepção, produzindo uma reverberação que é a essência da comunicação. Em um mundo de interação, não faz sentido falar em uma separação dos universos “real” e “virtual”. A experiência é única e híbrida. “Pensar nas reuniões por videoconferência e nas salas de aula online é verificar esse hibridismo. E agora que muitas das nossas relações, estudos e trabalho estão mediadas por uma única tela e concentradas todas em um mesmo meio, a cultura da convergência fica mais evidente”, disse Pedro. Ao pensarmos que existe um real e um virtual, pensamos que podemos fazer, por exemplo, escolhas alheias aos algoritmos. Pedro afirma que isso não é possível: “Não dá pra burlar os algoritmos. Existe uma lógica e ela não é para o usuário, ela é comercial”, disse.

12. Algoritimização da vida

Um algoritmo é uma combinação de regras executadas por um computador a partir de um comando. Hoje, os algoritmos são máquinas de processar informações e dados de usuários para sugerir produtos, serviços e comportamentos. Eles estão presentes em sites de buscas e redes sociais, coletando informações dos usuários, para construir bancos de dados gigantescos sobre como nos relacionamos e as informações que procuramos. Em nome da conveniência e da diversão, muitas vezes, aceitamos termos de uso abusivos destes sites e redes. “Por mais que não percebamos, nós adoramos interagir com eles”, afirmou o Prof. Eduardo Nunomura. Sempre que interagimos com plataformas digitais algoritmizadas, fornecemos dados (às vezes sem ter consciência) que são a grande riqueza do mundo digital. “Com base nestes dados, empresas fazem muito dinheiro”. As saídas passam pela regulação do digital, mas sobretudo, para Nunomura, por ações de media literacy: a formação de consumidores(as) ativos e críticos das tecnologias.



1.

**“A CURTIDA NUNCA SUBSTITUI UM ABRAÇO”, DIZ
LUIS MAURO SÁ MARTINO SOBRE AS RELAÇÕES
PESSOAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA¹**POR
RENAN LIMA

“Em um aspecto macro, todo mundo que trabalha com comunicação tem sua responsabilidade dobrada agora, porque falamos com um público que, assim como nós, está cheio de medos e incertezas”

Afirmou Luis Mauro Sá Martino, jornalista e doutor em Ciências Sociais. O professor iniciou a primeira de uma série de conversas ao vivo sobre “O futuro da comunicação pós-pandemia”. Nesta segunda-feira (4), o tema da live era “Entre a curtida e o abraço: relações pessoais, comunicação e isolamento”.

À frente do projeto está a professora Michelle Prazeres, coordenadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP). Em tom descontraindo, Michelle confidenciou que era sua primeira live, uma das várias formas de comunicação que muitos agora se vêm obrigados a utilizar para poder estar em contato com seus públicos. A transmissão acontece no Instagram de Esquinas, a revista

laboratorial da Cásper Líbero.

Para Luis Mauro, além do nível profissional, a micro comunicação, entre amigos e familiares, é fundamental para suportar este momento, e, embora uma curtida nunca substitua um abraço, a mediação das redes sociais e das tecnologias são o melhor paliativo que temos agora. “Se isso acontecesse 15 anos atrás, nossa situação talvez estivesse muito mais complicada”, reflete.

O professor aponta também que o contexto da comunicação presencial, ou seja, os olhares, os gestos, as pausas, interfere radicalmente em todo o processo, e, privados deles, estamos tendo que reaprender a trabalhar, estudar e a nos relacionar de uma forma nova. Nesse cenário, tomamos consciência de vazios afetivos que existem já há muito antes da quarentena, como ansiedade e depressão, mas agora ficam mais evidentes.

Michelle, adepta do movimento slow, que propõe uma desaceleração da vida cotidiana, observa que, para lidar com os desafios que vêm se impondo, é frutífero levantar sempre as questões “O que é

possível?” e “O que é possível hoje?”.

No período de 4 de maio a 1º de Junho, sempre às segundas e quartas, às 18h, a Faculdade Cásper Líbero realiza conversas ao vivo sobre “O futuro da comunicação pós-pandemia” no Instagram da @revista_esquinas. A iniciativa é uma parceria do CIP com o Núcleo Editorial da Cásper Líbero para a produção de lives com os(as) professores(as) pesquisadores(as) da Faculdade sobre temas relevantes relacionados às suas pesquisas, buscando compreender o cenário da comunicação diante dos desafios apresentados pela pandemia de COVID-19.

¹ o texto está disponível [aqui](#)

2.

O DESAFIO DA COBERTURA DO CORONAVÍRUS EM MEIO A UMA PANDEMIA DE VOZES¹

POR

ANA CAROLINA NAVARRO

Informar de forma eficiente sobre um tema que a cada dia apresenta novos paradigmas exige um esforço extra do comunicador. Esta tem sido a tônica da cobertura jornalística da Covid-19, um desafio mundial sem precedentes em um mundo em que as comunicações viraram globalizadas.

Para combater a “pandemia de vozes” – uma infinidade de especialistas disseminando todo tipo de informação o tempo todo –, o jornalista virou peça-chave para levar informações qualificadas à população.

Informar de forma eficiente sobre um tema que a cada dia apresenta novos paradigmas exige um esforço extra do comunicador. Esta tem sido a tônica da cobertura jornalística da Covid-19, um desafio mundial sem precedentes em um mundo em que as comunicações viraram globalizadas.

É dessa forma que a professora Tatiana Ferraz, coordenadora do curso de

Jornalismo, resume a importância da cobertura noticiosa sobre o coronavírus. Tatiana afirma que o jornalista é um intermediador entre as instituições e a sociedade, e precisa relativizar as informações que tem em mãos para avaliar a melhor maneira de transmiti-las. “Uma informação pode salvar uma vida tanto quanto um medicamento”, disse.

A jornalista acredita que mesmo nesse momento de perdas é possível aprender algumas lições. Uma delas é a valorização do jornalismo profissional: “É uma excelente oportunidade da gente se valorizar e ver nossa profissão ser valorizada. Mesmo com ataques, muitas pessoas saíram em defesa dos jornalistas”. Na visão de Tatiana, os profissionais da imprensa têm sido capazes de basear suas reportagens em fontes verificadas, o que dá mais credibilidade e confiabilidade para a notícia, um antídoto contra as chamadas fake news.

Tatiana Ferraz, que é doutoranda no Programa de Saúde Baseada em Evidência da Universidade Federal de São Paulo, participou da segunda live promovida pelo Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP) em parceria com o Núcleo Editorial da Cápsper

Líbero. Com mediação da professora Michelle Prazeres, coordenadora do CIP, a dupla respondeu a perguntas do público. Algumas das questões giraram sobre as mudanças que a realidade da pandemia pode trazer nas relações entre a ciência, jornalismo e educação. Ambas defendem que a crise social que estamos enfrentando e enfrentaremos nos próximos meses nos levará a valorizar mais o trabalho da pesquisa científica – até o momento, a única forma para se desenvolver uma vacina contra o coronavírus.

Até 1º de Junho, sempre às segundas e quartas, às 18 horas, a Faculdade Cásper Líbero realiza conversas ao vivo sobre “O futuro da comunicação pós-pandemia” no Instagram da Revista Esquinas com professores pesquisadores da Faculdade sobre temas relevantes relacionados às suas pesquisas. O objetivo dessa série é buscar compreender o cenário da comunicação diante dos desafios apresentados pela pandemia de Covid-19.

¹ o texto está disponível [aqui](#)

3.

MUITO ALÉM DE DIVERSÃO¹

POR
ANA CAROLINA NAVARRO

O setor do entretenimento tem enfrentado uma série de perdas e ganhos. O cancelamento de shows e eventos esportivos fomentou a cultura de lives. A mobilidade reduzida encolheu drasticamente o turismo mundial. Restaurantes a quilo, cinemas e teatros correm o risco de fecharem as portas diante da falta de público. Mas o que, de fato, ficará de herança para um mundo pós-pandemia?

Para a professora Helena Jacob, cabe ao profissional da comunicação responder a essas questões. A convidada para a live “Jornalismo e Entretenimento: durante a pandemia e depois dela” argumentou que enquanto muitos jornalistas estão enfrentando o desafio de cobrir fenômenos que estão evoluindo diante de seus olhos, a ecologia da comunicação só tem a ganhar com a quantidade infinita de questões culturais que se levantam com os novos comportamentos e hábitos de consumo que a pandemia tem

imposto à sociedade.

“Mesmo quando nos divertimos estamos em espaço de disputa e recebemos mensagens. Meu lema é: nunca é só entretenimento, sempre há questões profundas envolvidas”, lembrou a doutora em Semiótica pela PUC de São Paulo. Helena aproveitou o encontro para recomendar obras que contribuem para a leitura dessa nova realidade que vivemos, como O poder inovador da diversão, de Steven Johnson, e Estratégias Sensíveis, de Muniz Sodré (que, infelizmente, é mais uma vítima da covid-19 e segue internado em um hospital particular do Rio). A professora indicou também um guia prático de comunicação e mídia para enfrentamento da covid-19 recém-lançado pela UFRGS.

Sob mediação da professora Michelle Prazeres, Helena respondeu a perguntas dos participantes. Uma delas foi a do professor Rodrigo Ratier sobre a possibilidade das lives se tornarem um modelo de negócio alternativo ao entretenimento presencial. Helena levantou que ainda que a indústria do entretenimento esteja tentando descobrir como aproveitar essa nova ferramenta, é preciso se perguntar

se no mundo pós-pandemia ficar em casa vai continuar sendo a melhor opção – “Se depender da indústria é provável que sim”, disse.

A próxima live contará com a presença do próprio Ratier, que falará sobre as perspectivas da educação em meio a pandemia. O encontro está marcado para quarta-feira, 13 de maio, às 18 horas.

Até 1º de Junho, sempre às segundas e quartas, às 18 horas, a Faculdade Cásper Líbero realiza conversas ao vivo sobre “O futuro da comunicação pós-pandemia” no Instagram da Revista Esquinas com professores pesquisadores da Faculdade sobre temas relevantes relacionados às suas pesquisas. O objetivo dessa série é buscar compreender o cenário da comunicação diante dos desafios apresentados pela pandemia de covid-19.

¹ o texto está disponível [aqui](#)

4.

“SE A EDUCAÇÃO NÃO PODE TUDO, ALGUMA COISA ELA PODE”, DIZ RODRIGO RATIER¹POR
RENAN LIMA

O que é particular, insubstituível, de uma aula presencial? E o que pode ser repensado? Para Rodrigo Ratier, professor da Cásper Líbero e doutor em Educação pela USP, essas serão duas das muitas reflexões legadas à educação no mundo pós-pandemia.

Levantar questões e fomentar um diálogo aberto acerca do tema foi a tônica de sua participação na conversa com Michelle Prazeres, coordenadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP), na live desta quarta-feira (13).


Ambos jornalistas e educadores, Michelle e Rodrigo apontam que, assim como os setores da economia e da saúde, a educação vive hoje um momento conflituoso e repleto de incertezas, sobretudo na relação escola-família. Com muitos pais e filhos confinados em casa, e com contato de educadores restrito à mediação das telas, há uma confusão sobre a quem cabe o papel do quê. “Eu gosto da perspectiva de que todo mundo educa, de enxergar a educação de uma forma mais ampla”, disse Rodrigo. Mas isso não significa desvalorizar o papel do educador,

muito pelo contrário, acrescenta.

Quando pais e mães têm a oportunidade prática de ver que educar não é algo intuitivo, e que existe uma formação e habilidades tipicamente profissionais por trás do trabalho de um professor, isso pode ser saudável a longo prazo, explica Rodrigo. Essa inversão de papéis pode favorecer à valorização do ofício de educar como um trabalho essencial e que não se restringe à simples entrega de um diploma. “É um processo que nos conecta a sociedade e nos permite modificá-la”.

Blogueiro no UOL Ecoa, seção do portal destinada a pessoas, empresas e organizações com iniciativas transformadoras, diante de uma perspectiva desanimadora de mundo, com os efeitos da pandemia que perdurarão, ele acredita na busca de cada pessoa por um sentido particular. Por isso propôs uma cobertura especial da covid-19 em Esquinas, a revista laboratorial da Cásper, em que é editor-chefe. O projeto já conta com mais de 50 matérias publicadas, algumas inclusive republicadas em grandes veículos, e foi abarcada por mais de 70 alunos-voluntários.

Embora a iniciativa esteja tendo uma produção profícua e angariando milhares de visitas ao site de Esquinas nas últimas semanas, o professor descarta que esta seja uma ocasião para estimular



a produtividade dos estudantes. É, sim, um momento de tolerância e de entendimento. Na contramão do slogan do Enem (que teve suas inscrições abertas em 11 de maio e sobre o qual o não adiamento foi pauta de três posts em seu blog no UOL), de que a vida não pode parar, Rodrigo é enfático: “A vida tem que parar, e é a educação que nos diz isso”. Ele finaliza, parafrazeando o patrono da educação brasileira, Paulo Freire, que ela “não pode tudo, mas pode alguma coisa”, e vai além, “Juntos a gente pode mais”.

Até 1º de Junho, sempre às segundas e quartas-feiras, às 18 horas, a Faculdade Cásper Líbero realiza conversas ao vivo sobre “O futuro da comunicação pós-pandemia” no Instagram da Revista Esquinas. A iniciativa é uma parceria do CIP com o Núcleo Editorial para a produção de lives com professores da Faculdade sobre temas relevantes relacionados às suas áreas de atuação, buscando compreender o cenário da comunicação diante dos desafios apresentados pela pandemia de covid-19. O próximo convidado será Márcio Rodrigo, que falará sobre “Mercado de Audiovisual e políticas para o setor”. O encontro está marcado para segunda-feira, 18 de maio.

¹ o texto está disponível [aqui](#)

5.

“A JANELA ENTRE O CINEMA E O STREAMING ESTÁ ESTILHAÇADA”¹

POR
AMANDA FRANCO

O avassalador crescimento do mercado de streaming nos últimos anos já era notável pré-pandemia, mas a urgência de ficar em casa fez com que as plataformas se tornassem parte essencial da rotina de muitos.

Com a impossibilidade de exibição e estreia em cinemas, o setor audiovisual enfrenta uma estagnação preocupante não só para grandes distribuidoras, mas especialmente para pequenos produtores que encontravam nas exibições forma de divulgar suas obras e arrecadar renda.

Para o professor de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero Márcio Rodrigo, esta janela que separava o setor de exibições e o streaming se encontra “estilhaçada e já rendeu um pé quebrado”. Como a volta ao normal das salas de cinema só será, possivelmente, após o surgimento de uma vacina, algumas alternativas já estão sendo elaboradas, como o cinema “drive-in” e principalmente a produção das lives, recurso de inédito destaque e que rende emprego para alguns profissionais. Como lembrou Rodrigo, a Netflix já anunciou a produção de filmes gravados por celulares para evitar a aglomeração demandada de um set audiovisual.

“As grandes estreias que enchem as salas

de cinema programadas para este ano foram deslocadas para o segundo semestre, dificultando que os filmes se encaixem no calendário do Oscar, especialmente médios ou “cults” que não conseguem competir bilheteria com os grandes “blockbusters”, diz o professor, que participou da quinta live do Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero. No bate-papo mediado pela professora Michelle Prazeres, coordenadora do CIP, Rodrigo lembrou que se a pandemia tivesse acontecido no ano passado, “Parasita” não teria entrado no Oscar. “Cada mês parado para a indústria de Hollywood representa 8 bilhões de dólares de prejuízo”.

Márcio Rodrigo aponta ainda que por causa dos cortes direcionados a produções audiovisuais desde o início do ano passado, por determinação do governo federal, enfrentamos uma crise comparada à ocorrida no governo do ex-presidente Collor. Uma brecha de esperança vem da venda de produções brasileiras para plataformas de streaming, que estão em busca de conteúdos inéditos, já que suas produções estão praticamente paradas. Quanto a volta dos cinemas, o professor ressalta que “as exibições precisarão vender mais que só passar o filme”.

A próxima live tem a participação do professor Jefferson Mariano, que falará um pouco sobre a produção de informação e os impactos do coronavírus. O encon-

tro está marcado para quarta-feira, 20 de maio, às 18 horas. Até 1º de junho, sempre às segundas e quartas-feiras, a Cásper Líbero realiza conversas ao vivo sobre “O futuro da comunicação pós-pandemia” no Instagram da Revista Esquinas com professores pesquisadores da Faculdade.

¹ o texto está disponível [aqui](#)

6.

**A COMUNICAÇÃO AJUDA A FORMAR
UMA NOVA CONSCIÊNCIA¹**

POR
RENAN LIMA

Simbolicamente, vivemos um fim de mundo com a pandemia do novo coronavírus. Isso não significa que é o extermínio de tudo ou de todas as coisas, mas que a realidade como conhecíamos já não existe mais.

Responder ao “E agora?” sob a perspectiva da comunicação foi o tema central da live de segunda-feira (25) com o professor Tiago Mota. Ele foi o sexto convidado da professora Michelle Prazeres, coordenadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisas (CIP), no primeiro ciclo de lives da Cásper Líbero sobre o futuro da comunicação no pós-pandemia.

Tiago dedicou a conversa ao filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser, cujos estudos refletiam sobre o mundo contemporâneo e faziam projeções de cenários futuros, com a comunicação como aspecto primordial. Para Flusser, a comunicação é uma rede sentidos que usamos para interpretar a realidade e, além disso, são as nossas estratégias para viver junto. Dois pontos profundamente abalados nesta época de crise, ou de fim de mundo, como provoca o professor.

A alegoria, muito utilizada em narrativas míticas de sociedades humanas ao longo da história, refere-se a um mo-

mento de abolição vertiginosa de uma rede de sentidos que usamos para interpretar a realidade. “É uma mudança de nossa consciência”, resume. E sempre há um recomeço, oportunidades que emergem das crises. Mas ele nos alerta que isso não está necessariamente associado a uma conotação positiva. É crise, crise mesmo, brinca Tiago, dolorosa do ponto de vista pessoal, mas também social e econômico. Nesse momento, é a comunicação que ajuda a formar uma nova consciência da realidade.

É como uma história muito mais intensa e dramática de uma festa de fim de ano. Há uma mistura de tristeza e alegria e uma promessa de um amanhã melhor. A gente percebe o quão sofrido é esse momento, e dele surge um impulso de construir um novo mundo a partir do que acabou. Diante dessa situação, Tiago, que leciona Teorias da Comunicação na Faculdade, aponta dois caminhos: “Posso me recrudescer e me tornar um retrógrado ou, por meio de diálogos, tentar criar novas ordenações simbólicas”. Mas nada é tão simples assim. Para o próprio Flusser, o pessimismo é um fator importante, não se pode ser inocente, porque o mundo ainda é muito prescritivo.

Uma saída, para Tiago, é resgatar uma palavra-chave que foi banalizada recentemente, a solidariedade. É preciso per-

ceber que todos somos diferentes e iguais nessa diferença. E assim iniciar processo revolucionário de criar novos processos, capacitados em muito por comunicadores — não só como influenciadores, mas parte deles.

“Se eu quero um mundo novo, é preciso ter capacidade para imaginá-lo, e quando isso não acontece é o fim da política e o fim da comunicação”, explica Tiago. Depois de quase uma hora de conversa e de transitar por assuntos tão densos, antes da despedida, foi João Vicente, seu filhinho, quem virou o protagonista da live. Com a criança no colo e acenando para a câmera, o professor, sorridente, finaliza: “É ele minha esperança de futuro”.

Até 1º de Junho, sempre às segundas e quartas-feiras, às 18 horas, a Faculdade Cásper Líbero realiza a primeira rodada de conversas ao vivo sobre “O futuro da comunicação pós-pandemia” no Instagram da Revista Esquinas. A iniciativa é uma parceria do CIP com o Núcleo Editorial da Cásper Líbero para a produção de lives com professores da Faculdade sobre temas relevantes relacionados às suas áreas de atuação, buscando compreender o cenário da comunicação diante dos desafios apresentados pela pandemia de covid-19. A próxima convidada será Michelle Prazeres, que falará sobre “Tempo, aceleração e comunicação”. O encontro está marcado para quarta-feira, 27 de maio.

¹ o texto está disponível [aqui](#)

7.

“DESACELAR É A ÚNICA SAÍDA QUE NOS RESTA COMO HUMANIDADE”, DIZ MICHELLE PRAZERES¹POR
RENAN LIMA

Professora, pesquisadora, coordenadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP) da Cásper Líbero e mãe de dois filhos, Michelle Prazeres está tendo muitas coisas para fazer nesta quarentena. Para ela, que está em isolamento social, o mundo parou, mas as demandas não — algumas aumentaram inclusive.

Não se gasta mais tempo em deslocamentos, mas ele acaba todo realocado em tarefas domésticas e no aumento da carga de trabalho. “Como desacelerar neste momento, então?” Foi essa pergunta que norteou a sua conversa com a professora Helena Jacob na live sobre “Tempo, aceleração e comunicação” desta quarta-feira (27).

Adepta do movimento slow e idealizadora da rede Desacelera SP, que defende uma relação sustentável com o mundo ao nosso redor e com nós mesmos, o que inclui reflexividade, consciência e autoconhecimento, entre tantas bandeiras, Michelle aponta que desacelerar não tem a ver com parar. “É estarmos atentos ao que estamos vivendo, recuperar nossos sentidos, recobrar nossa humanidade”,

explica. E o fato de muitos de nós termos nossas rotinas migradas para dentro de casa, sem deslocamentos, “parados”, não contribui necessariamente para a diminuição do ritmo. Acaba que o efeito é o oposto: a mediação das telas e da tecnologia para contatos que antes eram presenciais aumenta a nossa aceleração.

Para Michelle, é uma ilusão vivermos na espera por um depois em que tudo voltará ao normal — ou “novo normal”, expressão que ela rechaça, porque mais do que normalizar, “é uma tentativa de normatizar uma situação que não fazemos ideia de como será no futuro”, argumenta. Essa é a principal questão que vivemos hoje nesta espera, a incapacidade de antecipar o amanhã. Em uma pandemia, tudo o que temos agora é o durante, e se não o preenchermos de vida e apenas o tomarmos como um tempo perdido, nossa ansiedade coletiva só cresce. E, o pior, como vivemos uma crise sanitária provocada por uma doença altamente infecciosa, se acelerarmos de uma vez quando começar a reabertura, aceleramos também o número de óbitos. Por isso, Michelle é categórica: “Desacelerar é a única saída que nos resta como humanidade”.

Nesse sentido, a desaceleração tem a ver com uma tomada de consciência. É se perguntar quando a velocidade cabe e quando não, o que serve para a comuni-

cação também. A professora e jornalista, por exemplo, tem dias que simplesmente precisa não ver notícias, já que a enxurrada de informações às quais somos submetidos prejudica a percepção do aqui e agora. Elas reforçam nossas estruturas mentais que buscam a todo tempo uma resposta, uma luz no fim do túnel, quando o momento é de incerteza para todos. Uma vez que se consegue ser monotarefa (fazer uma coisa de cada vez) e exercitar a atenção plena, fica mais fácil desenvolver a flexibilidade e até melhorar a produtividade.

Mas sem pressão. “O desacelerar é uma proposta de escolha individual, mas também é um ideal como saída coletiva. ‘Ai, meu Deus não consigo desacelerar, o que eu faço?’. Calma, respira, não é mais

um peso na sua vida. O desacelerar é também acolher todas as condições humanas e buscar um equilíbrio”, finaliza Michelle.

Às segundas e quartas-feiras, às 18 horas, a Faculdade Cásper Líbero realiza a primeira rodada de conversas ao vivo sobre “O futuro da comunicação pós-pandemia” no Instagram da Revista Esquinas. A iniciativa é uma parceria do CIP com o Núcleo Editorial da Cásper Líbero para a produção de lives com

professores da Faculdade sobre temas relevantes relacionados às suas áreas de atuação, buscando compreender o cenário da comunicação diante dos desafios apresentados pela pandemia do novo coronavírus. A próxima convidada será Cândida Almeida, que falará sobre “Arte e mídias sociais em tempos de covid-19”. O encontro está marcado para segunda-feira, 1º de junho.

¹ o texto está disponível [aqui](#)

8.

A ARTE GANHA NOVOS CONTORNOS DURANTE A PANDEMIA'

POR
AMANDA FRANCO

Desde as pinturas rupestres, a arte faz parte das estruturas da comunicação humana. Não seria agora, em meio à pandemia do coronavírus, que seria diferente. Isolados em suas casas, as pessoas têm produzido e consumido arte como forma de manter alguma forma de contato. E um exemplo disso são os grupos independentes, sobretudo os das cênicas, que têm explorado as lives para divulgar seus trabalhos nas redes sociais, mesmo com a acirrada concorrência dos grandes artistas.

A professora Cândida Almeida a convite de Michelle Prazeres, coordenadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisas (CIP) da Faculdade Cásper Líbero, participou da live na qual discutiu fenômenos que ligam a comunicação como o universo da arte. Uma surpresa marcou o evento: o grupo das palhaças feministas do Circo di SóLadies realizou uma rápida intervenção durante a conversa, rendendo muitas risadas e reflexões.

“Há movimentos independentes que ganham fôlego e começam a ter uma divisão mais democrática desses espaços. Porém, uma coisa é fundamental: se a arte não provocar, ela não aconteceu. Ela pode até se projetar como arte, mas não é”, explica Cândida. De acordo com ela, o sujeito precisa, para sua formação, de uma atitude questionadora, e infelizmente a mídia está povoada por expressões que só afirmam e exclamam ideologias.

Quando questionada sobre a dificuldade de se produzir arte sem o contato físico, Cândida aponta a impossibilidade das telas de substituírem essa mediação, mas por outro lado novas mídias vêm brotando a partir do digital. Um exemplo são as projeções feitas em edifícios em forma de mensagens ou artes estáticas e até mini-produções visuais. Para a professora, as novas e velhas formas de criar virão a coexistir em um mundo pós-pandemia.

Diante da impossibilidade de antever os novos processos que partirão das transformações sociais que enfrentamos atualmente, Cândida alerta que mirar o futuro não é prudente, já que o presente é pulsante e precisa ser pensado.

A próxima live será com o professor Jefferson Mariano, que falará sobre “A produção de informação e os impactos do coronavírus”. O encontro está marcado

para terça-feira, 2 de junho, às 18 horas. A segunda rodada de conversas ao vivo sobre “O futuro da comunicação pós-pandemia” realizada pela Cásper Líbero acontecerá todas segundas e terças, no Instagram da Revista Esquinas com professores pesquisadores da Faculdade.

¹ o texto está disponível [aqui](#)

9.

A IMPORTÂNCIA DA BOA INFORMAÇÃO NO COMBATE AO CORONAVÍRUS¹

POR
ENZO VOLPE CARREIRA

Já ficou claro que sem informações claras e confiáveis qualquer tentativa de combater a pandemia do novo coronavírus tende a fracassar. E quando fontes oficiais não conseguem nem mesmo dialogar entre si? É nessas horas que se percebe como um robusto sistema de dados no País evitaria o desencontro de informações em diferentes esferas, mas não é o que ocorre agora.

“A Secretaria de Saúde tem um sistema de organização que não conversa com os dados da educação nem com os da geografia”, explicou o professor Jefferson Mariano, que participou da live promovida pelo Centro Interdisciplinar de Pesquisas (CIP) da Faculdade Cásper Líbero do tempo na terça-feira (3).

Na pandemia, os objetos de pesquisa relacionado à covid-19 estão se pluralizando, o que deve encorajar jornalistas que pretendem se especializar no assunto, afirmou o professor, que também é analista socioeconômico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A comunicação, assim, tem um

papel primordial para que a informação correta chegue nas pontas. “Não adianta produzir informações que não vão servir para o exercício pleno da cidadania. A gente conta com os profissionais da área de comunicação para que a informação chegue até nos lugares mais distantes do País”, disse.

No encontro, mediado pela professora Michelle Prazeres, coordenadora do CIP, Jefferson Mariano lembrou do tempo em que não havia portais digitais e canais de comunicação respaldados pela Lei de Acesso à Informação (12.527/2011), que hoje garantem fácil acesso a uma grande quantidade de dados públicos e nos aproxima ao Canadá, país de referência no âmbito de trabalho estatístico. Para os docentes, o nível de transparência que as instituições tem hoje nasceu de um processo longo e gradual de conquistas políticas, que por sua vez são reforçadas pelo exercício da comunicação.

Mas o que fazer quando há um mau uso dos dados? Jefferson, que é mestre em Economia e doutor em Desenvolvimento Econômico, assumiu ser “meio militante dessa área”. Para ele, há uma responsabilidade criada com a informação produzida e um grande perigo em desviá-la de seu contexto original, o que pode gerar sérios impactos. Em casos aparentemente contraditórios, a recomendação é sempre checar e buscar atendentes

oficiais ou especialistas, cujos contatos devem estar nos sites de origem dos dados. “Assim, você consegue trabalhar a informação para questionar o produtor”, aconselhou.

As conversas no formato de lives promovidas pela Faculdade Cásper Líbero no Instagram da Revista Esquinas em parceria com o CIP continuam refletindo sobre o futuro da comunicação pós-pandemia, agora todas segundas e terças, sempre às 18 horas. Na segunda-feira (8/6) o convidado é o professor Fabio Ciquini, que irá falar sobre os impactos das transmissões ao vivo no cotidiano.

¹ o texto está disponível [aqui](#)

10.

AS LIVES VIERAM PRA FICAR¹

POR

ANA CAROLINA NAVARRO

Quem nunca sonhou em receber na sala da sua casa seu ídolo, de chinelos e pijamas? Ou então ter com ele tanta intimidade que poderia flagrar sua família lavando a louça? Momentos assim tem se tornado realidade na quarentena graças às lives, as transmissões ao vivo por streaming.

Para o professor Fábio Ciquini, não se trata de um acaso: “Nada mais sintomático desse momento que tentarmos substituir a conexão interpessoal pelas imagens”, disse ele no encontro “Como as lives nos olham?”, promovida pelo Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP) da Faculdade Cásper Líbero.

Especialista em fotografia e doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Ciquini explicou que o “ao vivo” é um fenômeno com cara de moderno, mas tem raízes antigas. Explorar a simultaneidade de tempo e espaço é um instrumento da comunicação de massa desde a explosão da televisão nos anos 1950, marcada pelas históricas transmissões de shows de bandas de rock em estúdio. A live das lives ocorreu na segunda-fei-

ra (8), no Instagram da revista Esquinas, com mediação da coordenadora do CIP, Michelle Prazeres.

O que há de novo é a superexposição da intimidade, ou ainda a extimidade, como propõe Paula Sibilia: “As lives tentam trazer à tela uma performatividade do sujeito. É o típico ‘pode entrar, mas não repara a bagunça’: a primeira coisa que você faz é notar a bagunça”, explicou Ciquini. Um exemplo que cabe é o filme *O Show De Truman* (1998), que esgarçou as fronteiras entre público e privado. A intimidade se torna um espetáculo, e propositalmente ou não, uma série de símbolos é transmitida junto das imagens.

Para o professor Ciquini, as atuais lives são devidamente programadas e preparadas. Baseia-se, portanto, em uma organicidade falseada. “Toda imagem é uma encenação. Há nas lives um olhar de compra e venda do mundo de marketing: um storytelling que os patrocinadores buscam aplicar nessas encenações”, alertou Ciquini, lembrando que os comunicadores não podem perder de vista a perspectiva de monetização e um olhar voltado para o consumo que há por detrás desses eventos.

Desde março, 7 das 10 lives de maior audiência no YouTube foram de artistas brasileiros, segundo dados da própria plataforma. Mas será que esse formato se sustenta? “Pandemia, revolução e guerra

tendem a acelerar alguns processos. Há uma intensificação que tende a continuar. Num momento pós-pandemia o que as pessoas mais desejam é o encontro, o contato, mas acho que as lives vão continuar”, finalizou Ciquini.

As conversas sobre o futuro da comunicação pós-pandemia prosseguem no segundo ciclo de lives promovidas pelo CIP, ocorrendo agora às segundas e terças-feiras. Hoje (9), o professor Pedro Nogueira debaterá sobre os impactos de uma vida profissional digitalizada. Acompanhe no Instagram da Revista Esquinas, sempre às 18 horas.

¹ o texto está disponível [aqui](#)

11.

**“O NOVO NORMAL É UMA COMPLETA
BESTEIRA”, DIZ PROFESSOR
DA CÁSPER LÍBERO¹**POR
RENAN LIMA

Era como se houvesse mais de duas pessoas debatendo na live pelo Instagram de Esquinas, na de terça-feira (9), entre Michelle Prazeres e Pedro Nogueira — ao menos no campo das ideias. A conversa sobre “Constatações de uma vida profissional digitalizada no ‘novo normal’” foi entre os dois docentes da Faculdade Cásper Líbero, mas também contou com uma série de outros autores invocados a participar do encontro promovido pelo Centro Interdisciplinar de Pesquisa.

Os primeiros “convidados-extras” foram o filósofo Pierre Lévy, precursor do conceito de cibercultura, e o pesquisador Henry Jenkins, com seus estudos sobre a cultura da convergência. Pedro citou Lévy para explicar que hoje o virtual é algo que tem a potência do real e que se pode simulá-lo em qualquer ambiente e situação, como na vida real. Pensar nas reuniões por videoconferência e nas salas de aula online é verificar o hibridismo que existe entre aquilo que chamamos comumente de “real” e virtual”,

que na cibercultura são profundamente mesclados. E agora que muitas das nossas relações, estudos e trabalho estão mediadas por uma única tela e concentradas todas em um mesmo meio, a cultura da convergência de Jenkins atinge o seu ápice.

Por conta da pandemia tivemos que convergir em uma “porrada”, analisou Pedro. Se antes havia discussões sobre se o home office e o ensino remoto seriam opções para o futuro, do dia para a noite eles viraram nossas únicas opções. De supetão, tivemos de nos levantar e vimos que tem muita coisa boa também. “Eu acho o Microsoft Teams uma ferramenta maravilhosa para o ensino, porque consigo saber em que ponto eu parei da aula anterior, gravar os encontros e deixá-los registrados e subir as tarefas por lá mesmo”, exemplificou.

Na segunda parte do bate-papo, sobre a sociedade em que vivemos, Pedro referenciou primeiro o sociólogo Stuart Hall, para dizer que nós não temos uma identidade única. Há, sim, diferentes grupos que enxergam e reagem ao mundo de formas muito distintas e fazem desta pós-modernidade uma constante mutação. Portanto, não se pode pensar que haverá uma transformação na Humanidade como um todo depois da pandemia. Estamos correndo atrás de algo que não temos, insatisfeitos, inquietos e cansados. A bola da vez é o distancia-

mento social, mas no futuro a tendência, para Pedro, é a de que a mentalidade das pessoas volte a ser a mesma. E continuaremos a viver em uma “sociedade do cansaço”, como definiu o filósofo Byung-Chul Han, citado pelo professor.

Por isso pensar em um novo normal é uma “completa besteira”, para Pedro. Funciona como um conceito pop para a Globo, por exemplo, mas que não faz sentido se pensarmos em perspectiva. “As filas e aglomerações nas reaberturas que estão acontecendo pelo mundo, isso é o novo ‘normal’? Eu poderia chamá-lo de qualquer coisa, então, como ‘tricolor’, em homenagem ao meu time do coração”, provocou.

Na parte final da conversa, Pedro refletiu sobre a mudança em curso como muito mais uma questão de mediação da comunicação do que uma nova sociedade que se revela. E, no centro do debate, estão os algoritmos: são eles que definem a interação autor-rede, para o antropólogo Bruno Latour, e nos privam de algumas informações para nos mostrar outras. Se nas ruas somos nós quem escolhemos o que olhar e o que não olhar, os algoritmos fazem isso nas redes. Pedro alerta, não há como burlá-los: “Existe uma lógica e ela não é para o usuário, ela é comercial, é capitalista”.

Em suma, a internet continuará ditando as nossas interações neste momento e no depois, como já havia sendo antes

da pandemia. E onde a comunicação entra nessa história? Para o professor, ela é fundamental. Não será por outro meio que se aprenderá a viver neste tal “novo normal”, “tricolor” ou o nome que você preferir.

As conversas sobre o futuro da comunicação pós-pandemia continuam neste segundo ciclo de lives sobre “O futuro da comunicação pós-pandemia” no Instagram da Revista Esquinas. A iniciativa é uma parceria do CIP com o Núcleo Editorial da Cásper Líbero para a produção de lives com professores da Faculdade sobre temas relevantes relacionados às suas áreas de atuação, buscando compreender o cenário da comunicação diante dos desafios apresentados pela pandemia do novo coronavírus. O próximo convidado será Eduardo Nunomura, que falará sobre a “Algoritmização da vida”. O encontro está marcado para segunda-feira, 15 de junho, às 18h.

¹ o texto está disponível [aqui](#)

12.

“OK GOOGLE, VAMOS CONVERSAR?”¹

POR
ANA CAROLINA NAVARRO

Na live A Algoritmização da vida, o professor Eduardo Nunomura lembrou que o algoritmo pode ser visto, pela maioria da população, como um misterioso conjunto de regras executadas roboticamente.

Mas a analogia de uma receita de cozinha, quando usamos alguns ingredientes e seguimos um conjunto de instruções, não deixa de ser um algoritmo: “Cada vez mais estamos usando ferramentas criadas tecnologicamente que têm como base uma entrada de dados (inputs), um conjunto de instruções que processam essas informações e um resultado (output).” E por mais que não percebamos, nós adoramos interagir com elas, acrescentou.

“Temos uma grande máquina de inteligência publicitária e não artificial. Essas grandes empresas coletam uma quantidade impressionante de dados e vendem esses dados de volta para os consumidores”, lembrou Nunomura. Quando escolhemos músicas e filmes nas plataformas de streaming e curtimos conteúdos em redes sociais, fornecemos para essa sociedade digital os dados sobre nós que alimentam os algoritmos. E máquinas são capazes de executar co-

mandos com muito mais velocidade e capacidade que nós humanos podemos.

Coordenadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP), a professora Michelle Prazeres pontuou a importância dos comunicadores lançarem mão dessas ferramentas para estarem alinhados à tecnologia, mas recomendou atenção: “As empresas que financiam essas máquinas também têm determinados interesses. Como usuário estamos nas mãos de interesses que não sabemos quais são”. Nunomura completou: “Se não pensarmos nessa problemática, talvez um algoritmo seja capaz de escrever matérias melhor do que jornalistas. E esses programas assim já existem”.

Alimentar plataformas baseadas em algoritmos com nossos gostos e interesses passou a fazer parte de uma lógica de mercado. Com isso, parecemos estar sofrendo perdas sociais. A segmentação de conteúdos e anúncios pode não ter criado as bolhas de intolerância nas redes, mas para os docentes, as legitimam por acelerar a perda da empatia no ambiente digital. “A máquina não entrega mais sugestão de consumo, ela entrega padrões de comportamento seus. Se perde a esfera pública e você tem uma timeline que é só sua”, explicou Prazeres.

O custo de ignorar as letras miúdas das políticas de privacidade em sites e aplicativos pode ser caro demais, mas

Nunomura, jornalista e também bacharel em Ciências da Computação pela USP, apontou que a alfabetização digital e a transparência na programação desses códigos podem contornar a complexidade deste universo e guiar uma possível legislação reguladora. Fugindo de uma visão negativista da saga homem versus máquina, ele apontou que a algoritmização da vida moderna também tem suas vantagens. Afinal, facilitamos a vida dos algoritmos, mas eles também facilitam a nossa.

Em tempos de pandemia, correr para as colinas digitais foi a saída para manter muitos negócios ativos durante a quarentena. Escritórios que antes tinham medo de oferecer home office a seus funcionários se viram obrigados a fazê-lo. “A pandemia nos colocou em uma transição da noite para o dia e o digital está sendo empurrado para nossas vidas. É inevitável que a gente pense se quer mesmo levar esse tipo de vida no futuro”, ponderou Nunomura.

Questionado sobre se a algoritmização da vida é capaz de nos fazer perder a humanidade, o jornalista afirmou que o momento presente nos convida a preservar o contato humano: “Por mais que esse mundo de facilidade seja muito sedutor e prático, precisamos sair desse ambiente digital e entender que não é necessário fazer tudo online”.

O debate encerrou o segundo ciclo de lives sobre O futuro da comunicação pós pandemia da Faculdade Cásper Líbero promovido pelo CIP em parceria com o Núcleo Editorial de Revistas. Para acompanhar as outras conversas, confira a cobertura da Revista CÁSPER.

¹ o texto está disponível [aqui](#)

De repente, 4.0?